

Projeto a ser apresentado à banca analisadora da UNEB.

**TÍTULO:**

**OS GUARDIÕES E AS ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA: REPRESSÃO RELIGIOSA AOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ NA DÉCADA DE 1920.**

**.INTRODUÇÃO:**

Várias etnias se encontrando, misturando-se culturalmente, resistindo às formas de manipulação da mão de obra forçada, possibilitando a intercalação de pensamentos, multifacetando os hábitos e, conseqüentemente, restabelecendo e reincorporando novos valores de crença, essa integração de elementos, segundo o saudoso poeta e escritor Ildásio Tavares, essa mistura étnica, hierática e cultural “resultou na formação de um novo seguimento religioso no Brasil, que denominamos nos dias atuais de Candomblé<sup>1</sup>” (TAVARES, 2009, p.70-71).

Porém, essas misturas de crenças, mitos, tradições e culturas foram consideradas no final do século XIX e início do XX, sinônimas de “medicina alternativa”, “falsa medicina” (BRAGA, 1995, p.126) e, em alguns casos, e os praticantes eram chamados de “curandeiros ou feiticeiros<sup>2</sup>”, esses termos serviram para embasar e justificar repressão policial aos Terreiros de Candomblé na Salvador no período citado, sendo assim, essa repressão, juntamente com os motivos que a levaram e, as formas de defesa dos terreiros que pretendo tratar nessa pesquisa.

Nesta perspectiva, irei apresentar relatos sobre a repressão ao Candomblé na cidade do Salvador da década de 1920, essa década, o tema e o espaço foram escolhidos devido a minha leitura ao livro “Na Gamela do Feitiço: Repressão e Resistência nos Candomblés da Bahia” do Antropólogo e Professor Julio Braga, pois, percebi que terei a oportunidade de compreender a repressão religiosa e a resistência dos Terreiros com um olhar historiográfico sobre o assunto, que foi motivado pela seguinte afirmativa:

“Os processos criminais, por exemplo, que se encontram nos Arquivos da Bahia, principalmente os que cobrem o período de maior

---

<sup>1</sup> “Candomblé”, palavra que é oriunda da língua Banto Quicongo, originalmente CANDOMBE, que significa lugar de oração ou adoração às suas divindades, hoje é a palavra que define as festas nos terreiros e esse espaço sagrado (SANTOS, P. 70).

<sup>2</sup> Jornal Diário de Notícia. Data: 21/06/1921. Acervo da BPEP. Setor: Documentos Raros.

intensidade da repressão policial neste século (1920-1930), ainda se encontram numa fase preliminar de sistematização e catalogação. Até agora tem sido vãs as buscas para descobrir tais processos, que devem conter dados preciosos sobre a reação do negro à agressão policial a que esteve submetida a comunidade religiosa, durante a primeira metade do século XX na cidade do Salvador.” (BRAGA, 1995, p. 22).

Outro delimitador temporal e temático foi à obra “Acabe com este santo, Pedrito vem aí... Mito e realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 e 1942” de Angela Lühning, essa última me alertou a estabelecer um dialogo com as fontes a serem pesquisadas devido o rico estudo dessa obra sobre a repressão policial embasado nos jornais da época. Ressalto também o livro “Cadeira de Ogã e outros ensaios” do Professor Júlio S. Braga como balizador para discussões que aqui faço no que tange a proteção aos terreiros por pessoas de influência social que tentaram diminuir as batidas ou elimina-las por completo com a presença física ou não nos momentos de reuniões religiosas.

Entendemos que houveram variadas formas de tentativa de defesa dos terreiros de candomblé as batidas policiais, dentre elas, podemos citar a egressão de alguns terreiros para zonas mais afastadas do centro da Salvador como um instrumento de defesa nessa relação de força e poder. Pois, com o desenvolvimento do centro da cidade as casas de candomblé foram gradativamente se deslocando a áreas mais afastadas, construindo suas edificações em locais periféricos. Porém, não conseguiram driblar os olhos atentos da imprensa, pois, além da policia, havia também a participação dos jornais no envolvimento direto ou indireto na perseguição aos terreiros, escrevendo matérias mirabolantes contra as casas de candomblé e levando ao conhecimento das autoridades os locais exatos dos “toques”. Dessa forma, tanto Júlio Braga (BRAGA, 1995, p. 154), quanto Angela Lühning (LÜHNING, 1996, p.199) são unânimes em afirmar que foi uma campanha acirrada da imprensa, fornecendo insistentemente matérias que provocassem a policia a reprimir os encontros festivos nos Terreiros. Mas, Se entendermos que a imprensa era a representante da sociedade que queria afastar a possibilidade de ser o candomblé uma alternativa religiosa, teremos que enxergar essa imprensa motivada e motivadora da vontade social de um grupo que não tinha nenhuma simpatia pela cultura afro brasileira da época a ser estudada.

Contudo, mesmo com todas essas formas de pressão social para extinguir os cultos do candomblé, os religiosos não permaneceram inertes, muito pelo contrario, continuaram buscando meios que estabelecessem proteção aos terreiros. Assim, outro modo de defesa dos terreiros, foi a admissão de pessoas influentes na sociedade, e pela sua representação de poder social, facilitavam o dialogo com as autoridades policiais como cita o Professor Julio Braga (Braga, 2009, p. 47-48)

Em outros casos, alguns Terreiros para se protegerem das batidas policiais denominavam as suas casas de “Centros Espíritas”. Não se deve deixar de mencionar que o espiritismo<sup>3</sup> também foi combatido e incluso nas práticas ilegais de feitiçaria e associado ao curandeirismo. O Espiritismo nasce no berço da civilização francesa do final do século XIX, na parte da Europa, que para a época, detinha um padrão civilizatório exemplar e, contrastando a isso, o candomblé aparece em um cenário de desqualificação e desumanização do homem de cor, trazido para o Brasil no seio do regime escravocrata. O Professor Julio Braga, por exemplo, afirma que nomear as casas de candomblé de centro espírita foi mais uma forma de articulação dos líderes afro-religiosos na tentativa de defesa dos seus espaços de culto (BRAGA, 1995, p. 153).

Por certo, a coação ao espiritismo comparado a repressão aos terreiros de candomblé tendia a ser mais amena na década de 1920, porque, usando a terminologia de Bourdieu (1982, p.27-28), o espiritismo constituiu-se, neste momento histórico, como uma “religião da fração dominada das classes dominantes”. Isso é decisivo para se compreender a valorização do espiritismo pelos grupos melhor conceituados socialmente e a rejeição do candomblé por parcela significativa desses mesmos grupos, principalmente, na Bahia, onde esta parcela social lutava a todo custo para se reafirmar pelos valores europeus de civilização.

Entretanto, a sociedade buscou novos argumentos para tratar a prática do candomblé como crime e instigar as autoridades a promover uma campanha de perseguição aos Terreiros, feitiça igualando o exercício religioso como feitiçaria, curandeirismo e uso ilegal da medicina, instigando setores que fiscalizavam a “Saúde Pública” a solicitar a intervenção policial nos rituais afro-baianos como trata LÜHNING (1996, p. 200).

---

<sup>3</sup> Doutrina criada no final do século XIX que visava estudar os fenômenos das manifestações dos Espíritos, tendo como seu codificador Allan Kardec. KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos, 1999, p.01.

Surgia agora mais um discurso para incentivar as batidas policiais aos candomblés na Salvador, a necessidade de promover a hegemonia de uma medicina direcionada aos conceitos eruditos de prescrição de receitas, de fórmulas farmacêuticas para se chegar à cura dos males, enfim, era a égide da medicina científica. Portanto, a “medicina popular” voltada às infusões das folhas e outras maneiras de por em prática os conhecimentos em torno de uma medicina alternativa, que segundo Angela Lühning, poderia ameaçar a supremacia da medicina letrada, seria inviável nesse contexto (LÜHNING, 1996, p.200). Vamos compreender essa forma de valorizar a medicina científica com os discursos científicos do século XIX que “validou a dominação racial ao afirmar que caucasóides eram superiores às pessoas não-brancas, especialmente aos africanos. Até então a hierarquia das raças no Brasil era justificada por princípios religiosos e morais, não por argumentos científicos” (SANTOS, 2009, p.77). Sendo assim, construir discursos que colocassem a cultura negro-religiosa como “práticas de feitiçaria e falsa medicina” foram métodos utilizados pela justiça para condenar quem as praticassem. Esse artifício jurídico surge paralelamente com o advento da República brasileira e contribuía para a tentativa de modernizar e elaborar o sistema de desenvolvimento do País. Desse modo, excluir qualquer manifestação afro-religiosa era uma maneira de tentar afastar o negro dos seus valores culturais e ritualísticos. Com isso, o candomblé foi incluso nas práticas ilegais pela justiça brasileira, sendo tachado de charlatanismo, curandeirismo e, até mesmo, falsa medicina.

Também, não podemos esquecer que a Salvador das primeiras décadas do século vinte estava buscando a modernização incentivada pelos modelos de saneamento básico visto em outros países desenvolvidos e “a mudança dos seus hábitos populares e da infraestrutura das principais ruas e avenidas inspirada no resto do País”, como afirma a Professora Neivalda Freitas de Oliveira (OLIVEIRA, 2008, p. 93). Entretanto, nesse cenário de desenvolvimento arquitetônico e ideológico os terreiros de candomblé tinham que resistir buscando meios de sobrevivência, além de se afastar do centro da cidade, que estava se desenvolvendo e era mais fácil da polícia encontra-los e reprimi-los, tentaram formar vínculos com aliados de prestígio social para não serem permissivos no processo de apagamento dos seus valores culturais pela nova estrutura social. ALBUQUERQUE (2006) aponta para a necessidade da população negra se afastar dos centros urbanos e criar estratégias na tentativa de dá continuidade em seus movimentos culturais e religiosos: “Para fugir à repressão, africanos e crioulo buscavam

praticar suas religiões em locais afastados dos centros urbanos, ou recorriam a outros artifícios para evitar as patrulhas policiais e a condenação da vizinhança.” (ALBUQUERQUE, 2006, p.113).

Mesmo depois de todas as dificuldades de enfrentamento indireto dos terreiros de candomblé contra as batidas policiais os cânticos voltavam, os batuques não paravam, a feitiçaria e a falsa medicina permaneciam ao lado da medicina científica na cidade do Salvador, claro que, de modo velado, mas resistindo e insistindo na permanência da sua prática, pois os seus adeptos sabiam que se extinguisse os cultos aos Orixás poderiam estar condenados a perder todos os seus valores e lutando, estariam buscando um espaço em uma sociedade que não tinha nenhum interesse em ser permissiva com os rituais afro-brasileiros.

**PROBLEMA:**

Surgiram os questionamentos em torno dos motivos que levaram a determinados grupos da sociedade da Cidade do Salvador se posicionarem, de maneira, a não só desqualificar, como também travarem um embate na tentativa de desarticular o funcionamento dos Terreiros, depois, sobre os mecanismos de resistência como sinônimos de defesa usados pelos adeptos da religião contra a repressão policial aos Terreiros de Candomblé.

**JUSTIFICATIVA:**

A razão principal que escolhe o tema é o fato da minha iniciação no candomblé, e tenho sempre interesse e disposição em discutir acontecimentos relacionados a meu universo religioso. Outro agente motivador foi o meu desejo em tratar dos assuntos relacionados às formas de perseguição aos terreiros de candomblé e os instrumentos de defesa elaborados pelos líderes dessas casas para diminuir ou encerrar as investidas policiais, nesse aspecto, sempre me interessou saber quais foram as motivações dessas abordagens.

Depois, lendo as obras dos autores que tratam do tema, como por exemplo, as do Professor e Antropólogo Julio Braga e da Professora Doutora Angela Lühning percebi que o estudo sobre repressão aos Terreiros de candomblé, nos trás mais que dados, ou simples reportagens de jornais, retrata a experiência de vida dos adeptos a religião, os obstáculos vivenciados em busca de sua liberdade de culto e o papel da imprensa em torno da manipulação das massas. Assim resolvi me debruçar sobre este tema na minha pesquisa, visando ampliar os meus conhecimentos sobre o assunto, bem como levar aos interessados na

temática novas contribuições da atuação dos jornais na repressão aos terreiros de candomblé na década de 1920.

Confirmada a escolha do tema, busquei problematizá-lo elaborando o presente projeto, relevante pelo que amplia os novos olhares sobre a historiografia baiana, além de novos significados das práticas populares e cotidianas na Salvador até quase meados do século XX. Esse trabalho busca, assim, enfatizar os meios de articulação que os candomblés tiveram que criar para sobreviver às práticas de repressão religiosa imposta por uma sociedade imbuída em “civilizar” os padrões sociais da Salvador. Dessa forma, a relação simbólica entre protetores e protegidos, pessoas de prestígios na sociedade e comunidade religiosa, emergem como foco principal dessa pesquisa.

Essa pesquisa será abalizada na linha 02 (dois) desse edital, pois entendo que essa linha fornecerá materiais teóricos que me direcionará a uma visão epistemológica sobre os assuntos voltados a aplicação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena em todas as escolas públicas e particulares do ensino fundamental até o ensino médio e embasamento teórico metodológico multidisciplinar sobre as trajetórias dos indivíduos e suas redes de sociabilidades, bem como, as suas práticas, memórias e os costumes.

### **OBJETIVO GERAL**

Analisar os motivos que levaram parte da sociedade da cidade do Salvador no início do século XX, e as instituições do poder central a entrar em atrito com os Terreiros de Candomblé.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

1. Compreender os motivos que levaram as batidas policiais aos Terreiros de Candomblé.
2. Compreender as variadas formas de defesa utilizadas pelos terreiros.
3. Analisar as justificativas que viabilizaram e embasaram as batidas policiais.
4. Compreender quais os motivos que induziram algumas pessoas da alta sociedade da época a ajudar na proteção de determinados terreiros.

### **REFERÊNCIAL TEORICO:**

Procurar a vinculação entre passado e tradição que se unem para a preservação de determinada cultura, pode descambar na armadilha de pensar o tempo marcado pela continuação, pela permanência, conforme alerta Heloisa Cardoso: “o tempo da história ao

contrário, é o tempo da mudança das transformações, onde continuidades e descontinuidades marcam o fazer histórico” (CARDOSO, 2010, p. 33). Com isso, tratar práticas populares de interação entre repressão e resistência no período estudado impulsiona a uma reflexão entre passado e tradição vinculados às transformações sociais.

As práticas de resistência devem ser tratadas como tradições indissociáveis da categoria cultural, pois estabelecem dentro do campo das vivências um módulo precursor das mutações sociais em processos relacionais, até porque para serem revitalizadas pressupõe tensões, confrontos que não raros, resultam em transformações. Desse modo, para entender a tradição no candomblé indissociável das transformações sociais, vamos recorrer ao Professor Júlio Braga, onde afirma que “a tradição no candomblé é tão dinâmica quanto a noção de mudança” (BRAGA, 2000, p. 142).

Ainda procuro valorizar o cotidiano dos homens, ressaltando as suas práticas sociais como válvula percussora das relações de afetividade e emoções, aprendido na obra “A pesquisa em história” organizado por Maria do Pilar de Araújo Vieira, Maria do Rosário da Cunha Peixoto e Yara Maria AunKhoury (VIEIRA, 2007, p. 7), nela, podemos entender a noção da experiência vivida pelos indivíduos e que seus sentimentos, suas necessidades juntam-se para construir o “ser social” e, experiência vista como categoria é de extrema importância para esta pesquisa, haja vista, que irei trabalhar com o cotidiano dos indivíduos.

Então, cada sentimento que emana do homem é experiência do seu próprio cotidiano e deve ser observado pelo pesquisador. Com essa reflexão entendo que as práticas dos sujeitos, individualmente, devem ser valorizadas pelos historiadores, haja vista, que essas experiências individuais juntam-se e formam o conhecimento coletivo, desse, são extraídas, as práticas dos “sujeitos sociais”, e esses, juntamente, com seus anseios e conflitos cotidianos estabelecem as lutas políticas dentro do contexto social.

Assim, notei que as práticas sociais cotidianas que constroem as relações com os sujeitos podem explicar “a exploração e a dominação de uns homens sobre os outros, e que se traduzem nas relações econômicas, políticas, sociais, culturais, nas tradições, nos sistemas de valores, nas ideias e formas institucionais” (VIEIRA, 2007, p. 18) e aquelas interagindo com o *ser social* traduzirá no *costume* dos sujeitos. Tais reflexões são importantes porque nos permite desconstruir a noção de costumes que relacionado à tradição induz ao sentido de permanência. Thompson, por exemplo, pensa costume como um campo que determina

mudança e a disputa uma arma na qual, interesses opostos apresentam reivindicações conflitantes (THOMPSON, 1981, p 16) e dessas, podemos extrair as variadas relações humanas, dessa forma, busquei dialogar com E.P. Thompson nessa pesquisa.

E por fim, mas não menos importante, as relações de poder que os indivíduos desempenham na sociedade. Daqueles que exercem o poder e “daquele sobre o qual o poder é exercido. Portanto, o poder é uma relação, ou um conjunto de relações pelas quais indivíduos ou grupos interferem na atividade de outros” (ARANHA, 1995, p 180)<sup>4</sup> possibilitando o domínio e o sentimento de submissão dos dominados, com isso percebo que “as práticas cotidianas estão na dependência de um grande conjunto e esse conjunto, pode ser entendido como um grupo de determinados indivíduos em uma sociedade que busca incessantemente o poder” (CERTEAU, 2001, p.109).

O poder aqui representado pela repressão policial, ou pela tentativa de anular a capacidade de argumentação dos indivíduos que diante dela defendia os terreiros das batidas policiais. E também, das pessoas que doaram a sua notoriedade, seu prestígio, seus conhecimentos dentro da sociedade soteropolitana para defender os terreiros de candomblé contra as batidas policiais.

### **FONTES E METODOLOGIA DA PESQUISA**

Buscarei trazer os mecanismos de defesa elaborados e utilizados pelos grupos religiosos pertencentes ao candomblé destacando algumas personalidades influentes na sociedade soteropolitana que ajudaram na proteção contra a repressão policial, assim como, todas e quaisquer formas de defesas elaboradas pelos terreiros para minimizar a repressão policial

Procurarei fazer um paralelo entre as práticas de repressão à cultura religiosa e as tentativas de articulação usadas pelos Candomblés para promover a proteção aos locais de culto, ressaltando a “história cultural”. Para compreender a História Cultural, Maria Teresa Cunha nos propõe um novo olhar sobre essa abordagem historiográfica, alertando para o entendimento e valorização da vida cotidiana, pois, ela é “repleta de gestos de amor, amizade, ressentimento, mas também, marcada pelos freios morais de determinadas épocas”<sup>5</sup>. Com

---

<sup>4</sup> ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando. Introdução à Filosofia*. 1995, p. 180.

<sup>5</sup> O historiador e suas fontes. Livro organizado por Carla BassaneziPinsky e Tania Regina de Luca que mostra variadas formas de entender as fontes historiográficas. 2011, p. 252-253.

isso, surgiram às viabilidades de acrescentar ao meu trabalho paradigmas que abordassem a repressão aos terreiros de candomblé década 1920, juntamente com as formas que eles se protegeram.

Também serão apresentadas algumas matérias de jornais escritas na década de 1920 direcionadas a alimentar as concepções de entendimento cultural da sociedade que excluía qualquer manifestação religiosa afro-brasileira, considerada pela elite da época, sinônimo de “atraso e ignorância”<sup>6</sup> e que aqui fará parte do acervo de fontes. Para melhor entender o papel da imprensa escrita cito Laura Maciel, quando trata o assunto:

“...Como expressão de relações, a imprensa assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais que se opõem em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula seguindo a ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representa...”(2004, p. 15)

Contudo, utilizarei matérias de jornais impressos na década de 1920 para estabelecer um diálogo com as fontes, como por exemplo, algumas reportagens do *Jornal A Tarde* que trata do assunto, entre 1920 a 1930. Nesse processo, irei buscar em Arquivos Públicos municipais e/ou estaduais documentos na Seção de Arquivos Judiciários ou outra que dialoguem com o objeto de estudo no intuito de tenta responder os questionamentos que envolveram as necessidades de promover as “batidas policiais” e os mecanismos de defesa dos terreiros de Candomblé na tentativa de se protegerem das investidas da polícia da época.

## **CRONOGRAMA DE TRABALHO**

<b>Atividades</b>	<b>2019.1</b>	<b>2019.2</b>	<b>2020.1</b>	<b>2020.2</b>
Creditação"	X	X		
Leitura bibliográfica e pesquisa em fontes primárias	X	X		
Coleta de dados nos arquivos	X	X		

<sup>6</sup> LÜHNING, Angela. Acabe com este santo, Pedrito vem aí... Mito e realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 e 1942. Revista USP, São Paulo, v. 28, p. 220, 1995.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

Elaboração da dissertação capítulo 1 e 2		X	X	
Exame de Qualificação			X	
Elaboração do capítulo 3 e conclusão da Dissertação.				X

**Fontes:**

A Tarde. **Pai- de-Santo foi bater no xadrez.** 16 /08/ 1921.

A Tarde. **Um crime num candomblé: o que o sub-delegado Salvador conta a “A Tarde” - as acusações que faz ao Cap. Emygdio.** 05/12/ 1930.

A Tarde. **Extinguindo a Bruxaria,** 24 /04/ 1922.

A Tarde **Jubiabá em maus lençóis,** 14/09/ 1921.

A Tarde. **No antro da Feitiçaria,** 29/05/1923.

A Tarde, **A última façanha do feiticeiro,** 04/10/1921.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALBUQUERQUE, WlamyraR. de. **Uma história do negro no Brasil** / WlamyraR. de Albuquerque, Walter Fraga Filho. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, p. 113, 2006.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando, Introdução a Filosofia**. 2ª ed. São Paulo. Editora Moderna, 1993.

ARAÚJO, Ubiratan Castro de. **Conexão Atlântica: História, Memória e Identidades**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 12, n. 19, p. 219-227, jan./jun., 2003.

BACELAR, J. A. **A Hierarquia das Raças: negros e brancos em Salvador**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

BURKE, Peter. **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, p 41, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Gênese e estrutura do campo religioso**. São Paulo: Perspectiva, p 27-28, 1982.

BRAGA, Julio. **A cadeira de Ogã e outros ensaios**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Na Gamela do Feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

EDISON, Carneiro. **Candomblés da Bahia**. Apresentação e notas de Raul Lody. 9ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi. (orgs). **O Historiador e suas Fontes**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LUHNING, Ângela. **Mito e realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 e 1942**. Revista USP, São Paulo, v. 28, p. 194-220, 1995.

MACIEL, Laura A. Produzindo notícia e histórias: algumas questões em torno da relação telegrafo e imprensa – 1880 – 1920. In FENOLON, Déa e outros (orgs.). **Muitas Memórias, outras histórias**. São Paulo: olho D' Água, 2004.

OLIVEIRA, Neivalda Freitas de. **Rua Chile: caminho de sociabilidades, lugar de desejos, expressões de conflitos – 1900 a 1940.** São Paulo: PUC/SP. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Doutorado, p. 93, 2008.

RODRIGUES, Nina. **O animismo fetichista do negro baiano.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

SANTOS, Anselmo José da Gama. **Terreiro Mokambo: espaço de aprendizagem e memória do legado banto no Brasil.** Brasília: 2010.

SANTOS, Edmar Ferreira. **O poder dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia.** Salvador: EDUFBA, 2009.

SERRA, Ordep. **A etnobotânica do candomblé nagô na Bahia: Cosmologia e estrutura básica do arranjo taxonômico.** O modelo da liturgia. In. CAROSO, Carlos. BACELAR, Jeferson (orgs.). Faces da tradição afro-brasileira: religião, sincretismo, anti-sincretismo, reafrikanização, prática terapêutica, etnobotânica e comida. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador, BA: CEAO, 2006.

SILVA, A. J. M. **os intelectuais e a raça.** In: II Encontro Estadual de História – Historiador, a que será que se destina? 2004, Feira de Santana – Livro de Resumos. Feira de Santana: UEFS, 2004.

TAVARES, Ildásio. **Nossos colonizadores africanos: presença e tradição negra na Bahia.** 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2009.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: Estudos sobre a Cultura popular tradicional.** São Paulo: Cia das Letras, 1998.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araujo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história.** 5ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

